

## Notas sobre os Aruá de Rondônia.

Luciane Ferreira de Melo\*  
Valdir Vegini\*\*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos linguísticos, demográficos e xamânicos da etnia Aruá, de Rondônia. Apesar das escassas fontes para fins de pesquisa acerca dos Aruá, foi possível constatar que o grupo pertence à família linguística Tupi-Mondé, e estão localizados entre a Terra Indígena Guaporé e Terra Indígena Rio Branco, em Rondônia. Utilizam, como prática xamânica, o rapé, através da aspiração do pó de angico. A metodologia utilizada foi essencialmente bibliográfica.

**Palavras-chave:** Etnia Aruá. Xamanismo. Indígenas de Rondônia. Tupi-Mondé.

### 1 Introdução

O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos linguísticos, demográficos e xamânicos da etnia ARUÁ, de Rondônia. A escolha da etnia partiu de uma pesquisa ao site dos Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Socioambiental (IS), onde se constatou que este povo é adepto, em sua cultura, de determinadas práticas xamânicas, mais especificamente através do uso do rapé com a aspiração do pó de angico.

Várias árvores dos gêneros *Piptadenia*, *Parapiptadenia* e *Anadenanthera*, da família *Mimosoideae*, recebem a denominação de Angico. Elas são nativas da América tropical, principalmente do Brasil. Há indícios de que essas plantas (principalmente as do gênero *Anadenanthera*) possuíram presença marcante na esfera religiosa de várias tribos indígenas da América do Sul e leste do Caribe. Uma das possíveis explicações para esse fato é a presença de alcalóides psicoativos,

---

\* Mestranda em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Email: lucianeferreira01@gmail.com.

\*\* Doutor em Letras e Linguística. Professor na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Email: vvegini@gmail.com

dentre os quais a bufotenina (5-OH-DMT) em quantidades que variam de 1 a 12% da massa das sementes e o N,N-DMT e 5-MeO-DMT em quantidades menores (TORRES M, 2006, p. 1-9; 193-203).

Sendo assim, foi despertado o interesse para a realização desta pesquisa, visto que existe pouca alusão à existência do xamanismo, ou da utilização de técnicas xamânicas, pelos povos indígenas de Rondônia. Nesse sentido, o aporte teórico consultado inclui obras dos seguintes autores: da Silva (1988), Junqueira (1999), Mindlin (1999), Laraia (2000) e Ramos (2001), dentro outros pesquisadores, bem como informações contidas na página virtual do Instituto Socioambiental (IS). Assim, a metodologia empregada na elaboração deste trabalho é essencialmente bibliográfica.

Serão apresentadas considerações acerca dos aspectos linguísticos e demográficos dos Aruá, com um aprofundamento em relação às técnicas xamânicas utilizadas pelo grupo. Eliade (1975) considera o fenômeno xamânico como 'as técnicas arcaicas do êxtase', pois tal manifestação está presente nos povos primitivos do mundo inteiro, inclusive, conforme veremos, na etnia Aruá, de Rondônia.

A importância da pesquisa é no sentido de que praticamente não existem fontes e informações acerca dos Aruá, sendo necessário um olhar mais profundo em relação ao grupo, sob pena do conhecimento perder-se, assim como tantos outros conhecimentos e aspectos culturais de etnias indígenas foram perdendo-se no tempo face à ausência de pesquisas acadêmicas.

### **1.1 Dados linguísticos e demográficos**

Atualmente a etnia Aruá é constituída por aproximadamente 131 indivíduos, conforme pesquisa no site do IS, sendo que o contato com os Aruá é considerado recente.

Conforme pesquisa, consta que em 1938 Lévi-Strauss visitou no alto rio Pimenta Bueno, atual estado de Rondônia, um grupo vinte e cinco índios "Mundé",

até então não mencionados na literatura etnográfica (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 374-385). Um vocabulário, sem outras informações, foi publicado por Moacyr Xerez (1946), inspetor do SPI. Anos depois, a missionária Wanda Hanke encontrou-os no alto Guaporé, para onde três famílias haviam sido removidas, e recolheu uma lista de palavras e dados etnográficos superficiais (Hanke, 1950). Por referência a este último vocabulário, foram classificadas as línguas de outros grupos que habitavam regiões próximas: além dos próprios Mondé (também nomeados Salamã, Salamay ou Sanamaiká), os Aruá (Aruaxi), os Gavião (Ikolen ou Digüt), os Suruí (Paite), os Cinta Larga, os Zoró (Pangejen) e os Arara do Guariba.

Segundo as informações acima, bem como com base na classificação apresentada no IS, e dos autores Sampaio & Silva (1998, p. 85), em relação à família lingüística dos Aruá, temos a seguinte classificação:

Tabela I – Classificação linguística dos Aruá.

Povo	Tronco linguístico	Família linguística	Língua
Aruá	Tupi	Tupi-Mondé	Aruá

Fonte: Sampaio & Silva (1998, p. 85).

Confirme visto, os Aruá pertencem à família linguística Tupi-Mondé, sendo que esta etnia procura explicar, através de uma lenda, a origem das línguas. Tal história é narrada pelo senhor Awüнару Odete Aruá, um dos últimos falantes da língua Aruá (MINDLIN, 1999, p. 52), e nos é apresentada da seguinte maneira:

No começo do mundo havia dois irmãos: *Andarob* e *Paricot*. *Andarob* era mais velho e muito preguiçoso, vivia deitado. *Paricot* era mais novo e mais inteligente. Um dia ele resolveu criar o mundo, *Paricot* pensava nas coisas e elas começavam a existir. Certo dia, *Paricot* engravidou um cupinzeiro e toda a terra ficou grávida. Passaram dez meses, *Paricot* abriu a terra e de lá foi saindo um casal de cada povo que existe no mundo. *Paricot* disse a seu irmão: - *Andarob*, eu vou ensinar uma língua só. Quando estiver quase para acabar, você ensina um pouquinho de sua língua.

*Paricot* saiu ensinando a língua Aruá aos índios, mas andou um pouquinho e seu irmão já foi ensinar outras línguas para os outros casais. Quando chegou no homem branco estendeu a mão e ensinou a dar a mão como fazem os que não são índios (os índios não dão a mão). *Andarob* ensinou todos os tipos de língua que só ele sabe até hoje. *Paricot* sabia até mais, mas queria que todos falassem a mesma língua.

A par da escassa bibliográfica disponível em relação ao grupo Aruá, a lenda acima parece ser uma contribuição muito importante desse povo já que, como já disse Platão “a linguagem [...] é talvez o maior de todos os assuntos” (SLOBIN, 1980, XIII), e as lendas ou mitos, como afirma Cabernite e Corrêa (1976, p. 25), são produtos da mente humana, que brotaram simultaneamente em todos os povos, são eternos e “em verdade um mecanismo de defesa do indivíduo e da sociedade”. Dessa forma, os Aruá incluem-se no grande complexo da sociedade humana, e com sua forma de ver o mundo, bem como dentro de seus limites antropológicos, também contribuíram para a melhor compreensão do mistério do homem através da uma lenda sobre a origem das línguas.

Em relação à localização, Sampaio & Silva (1998, p. 83), apontam o que segue:

Tabela II: localização dos Aruá.

Terra indígena	Município	Área/Ha.	Grupo Indígena	Aldeia
Rio Guaporé	Guajará-Mirim	115.788.0842	[...] Aruá	Ricardo Franco Baía da Coca B. das Onças

Fonte: Sampaio & Silva (1998, p. 83).

Ou seja, estão localizados na Terra Indígena (TI) Rio Guaporé, juntamente com outros grupos. Em Rondônia, algumas etnias foram obrigadas a abandonarem seu habitat para se unirem a outras, muitas vezes até inimigas outrora. Havendo caso de TI ocupadas por oito ou nove etnias, como é o caso da Terra Indígena Rio Guaporé, onde coabitam os povos Tupari, Makurap, Wayoró, Sakyrabiat, Aruá, Jaboti (Djeoromitxi) e Arikapu (PANEWA, 2002, p. 72).

Moore (2005, p. 516) refere-se acerca da localização do grupo Aruá, e os caracteriza geográfica e numericamente da seguinte forma:

Este grupo tradicionalmente morava nas cabeceiras do Rio Branco, afluente do Rio Guaporé. Reduzido por contato desde a década de 30, os Aruá se dividem entre a T. I. Guaporé e a T. I. Rio Branco, com talvez 20 falantes da língua e pouca transmissão à geração mais jovem. Os presentes dados são de Odete Aruá e Sr. João Aruá.

Em relação à localização também consta no site do IS, que informações sobre os Aruá foram tomadas junto a um único homem de cerca de 70 anos. Este relatou que as aldeias Aruá estavam situadas próximas do igarapé “Gregório”, afluente do alto rio Branco, em Rondônia.

Relativamente ao histórico do contato, o mesmo site refere-se aos caucheiros<sup>1</sup>, que alcançaram os Aruá por volta de 1920. Como ocorreu com outras etnias indígenas de Rondônia, desse contato resultou quase a extinção dos Aruá por conta do sarampo trazido pelos não-índios. Os que sobreviveram deixaram o território tradicional, indo viver no seringal São Luís, que está localizado ao longo do rio Branco, sendo este um afluente do Guaporé.

O fato do extermínio dos índios também é verificado por Neves (2006, p. 8), ao textualizar:

a aparente baixa densidade demográfica verificada entre os povos indígenas da Amazônia contemporânea provavelmente resulta mais das vicissitudes da história colonial e do ciclo da borracha na região do que propriamente de alguma inaptidão ecológica inerente.

Sampaio & Silva (1998, p. 80), em relação aos Aruá e sua localização, relatam a existência de possíveis índios isolados:

---

<sup>1</sup> Segundo Cunha (2006: 23): “Aquém da margem direita do Ucaiáli e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cerca de cinquenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, providas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria. Era o caucho. E caucheiros apelidaram-se para logo os aventureiros sertanistas que batiam atrevidamente aqueles rincões ignorados”.

Desde 1982 se tem notícias de haver índios isolados que perambulam pela Reserva Biológica do Guaporé. Segundos laudos da FUNAI, os índios Aruá, residentes na Área Indígena Rio Branco, afirmam existirem parentes sem contato naquela região. Há depoimentos de seringueiros, garimpeiros, fazendeiros e também de índios Makurap e Tupari, que falam da existência de índios isolados na Serra do Colorado, dentro da Reserva.

Ressalta-se que a fonte acima citada data de 1998. Dados posteriores a esta data não foram encontrados e, portanto, não há como afirmar se depois disso tenha ocorrido contato com esses índios isolados mencionados na obra acima.

Em relação à organização social dos Aruá, segundo informações pesquisadas no IS, a sociedade comportava, assim como outros grupos da Bacia do Guaporé, divisões internas. Não é clara a natureza dessas subdivisões, sabe-se apenas que definiam a filiação, que era patrilinear. O sufixo *ei*, nas línguas Monde, é indicativo de plural. Outros povos Tupi-Mondé também comportam subdivisões cujas denominações apresentam o mesmo sufixo, por exemplo, os Zoró: Pangyn kirei (gente branca), Pangyn pevei (gente preta) e outros, bem como os Cinta-Larga: Kakinei (de Kakin, tipo de cipó) e Kabanei (de Kaban, árvore frutífera), dentre outros. Tanto para os Zoró quanto para os cinta-Larga, essas denominações se prestavam à classificação de subgrupos que podiam ser predominantes em algumas áreas do território tradicional, mas não eram necessariamente territoriais, permeando, os grupos locais como um todo. Em relação aos Aruá, até onde foi possível apurar e em pesquisa ao IS, constam os seguintes subgrupos:

Tabela III: subgrupos Aruá.

Nome	Significado
<i>Tirib ei</i>	ouricuri
<i>Kapeá ei</i>	pássaro (?)
<i>Bixid ei</i>	tipo de lagarta
<i>Nadég ei</i>	tipo de lagarta
<i>Andat kud ei</i>	cujubim

<i>Kuru ei</i>	jacu
<i>Gib ei</i>	morcego
<i>Poá ei</i>	mamão
<i>Aksosón ei</i>	
<i>Jucan ei</i>	tucano

Fonte: Site do Instituto SocioAmbiental.

Demonstradas as características gerais da etnia, passaremos a analisar a existência de práticas xamânicas existentes entre a etnia Aruá.

## 1.2. O xamanismo

No site do IS consta a seguinte observação sobre o Complexo Cultural do Marico<sup>2</sup>, do qual faz parte o povo Aruá:

[...] um outro elemento cultural, além da confecção do marico, que poderia ser considerado exclusivo dos povos do rio Branco, Colorado e Mekens é a aspiração do pó de angico nos atos xamanísticos. [...] Alguns elementos culturais estão sendo valorizados e atuam como mecanismos de solidariedade entre as sociedades distintas: o consumo da chicha, que estabelece uma regra não coercitiva de etiqueta, e o xamanismo, com a atuação conjunta de indivíduos de grupos indígenas distintos na aspiração do pó de angico e nas cerimônias de cura.

Os Aruá apresentam, entre outros possíveis elementos culturais que partilham com outras etnias do Complexo Cultural do Marico, a prática de técnicas xamânicas, através do uso do rapé, com a aspiração do pó de angico.

<sup>2</sup> Na área de Guaporé distinguem-se dois setores. Um inclui os índios que vivem junto aos afluentes da margem direita do rio Guaporé, quase todos falantes de línguas integrantes de pequenas famílias do tronco tupi, sendo que Denise Maldi (1991: 210-211) chamou a este setor de "**complexo cultural do marico**". Isso porque todos os índios do mesmo setor, inclusive os isolados da Reserva Biológica do Guaporé, usam bolsas de vários tamanhos, chamadas de "marico", de fibras de tucum, feitas com pontos miúdos ou médios, que não se encontram em outras áreas. O outro setor inclui os rios que correm para o Mamoré, junto aos quais vivem os uáris e os oro uin, da família linguística txapacura; do outro lado do rio, em território boliviano, na confluência do Mamoré com o Guaporé, está um outro povo txapacura, os morés.

No mesmo site pesquisado consta que a prática do xamã está relacionada ao uso que faz de um alucinógeno, constituído de sementes de angico, que são maceradas até virarem pó e misturadas com um tipo especial de fumo, cultivado para esse fim. Ao que tudo indica, prossegue o site, o cultivo do fumo para uso xamânico é um elemento cultural comum a todos os grupos indígenas da região do Guaporé. De acordo com os registros de Rondon (1916), o que mais lhe chamou a atenção foi o fato de que os índios ‘não fumavam’, mas faziam uso

do rapé por meio de um dispositivo bastante engenhoso, o qual consiste em um tubo de taquarinha, de dois palmos de comprimento, tendo numa das extremidades, um pequeno recipiente carregado de pó de tabaco. A pessoa que vai tomar a pitada aproxima-o das narinas, e outra pessoa, servindo-se da extremidade livre do tubo, sopra por ele, fazendo o rapé penetrar nas fossas nasais do tabaquista, que auxilia a operação mediante profunda inalação.

A descrição acima corresponde, segundo o site IS, exatamente à forma como o rapé é utilizado.

Com relação ao uso do rapé por outros povos indígenas consta que:

No norte do Brasil, povos indígenas usam o rapé há séculos (antes da chegada do homem branco). Algumas etnias, tais como a Huni Kuin – Kaxinawa e a Yawanawa, tem o rapé como uma “medicina” (associada ao uso terapêutico e espiritual).

O tabaco utilizado para a elaboração do rapé é cultivado (orgânico) pelo próprio povo (e geralmente rezado em todas suas fases: plantio, cultivo, colheita, preparo). O tabaco mais conhecido é do tipo “mói”, que é preparado em corda.

O rapé neste caso é constituído de tabaco (pilado) e cinza (pau pereira, cumaru, canela, canela de velho, entre outras).

Para esses povos, o rapé é uma medicina que contém um espírito com grande poder, trazendo curas, proteção e afastando todo tipo de males. Outro ponto a salientar, é que o rapé não é aspirado, mas sim soprado nas vias nasais através de uma espécie de canudo, chamado de “tepi”. Também pode ser autoaplicado através de um instrumento chamado de “curipe” (FORNASIER, 2013).

Ou seja, assim como outras etnias indígenas os Aruá também faziam – ou fazem - de forma cerimonial, o uso do rapé. Para fins de exemplificação de outros povos indígenas que fazem uso do rapé consta a pesquisa acadêmica ‘Profetas do

pariká e caapi', no qual o autor relata o uso do pariká, um rapé considerado sagrado, utilizado pelos xamãs do Noroeste da Amazônia em suas curas de doentes e outras atividades, discutindo-se os seus significados simbólicos, culturais e históricos para os povos Baniwa (WRIGHT, 2005, p. 83).

Ressaltamos que o rapé utilizado pelos povos Baniwa e objeto do estudo acima citado é feito com pariká, diferentemente do rapé utilizado pelos Aruá, o qual era feito, segundo relatos, com pó de angico.

Outra etnia indígena que faz uso do rapé são os Kaxinawá. Para este grupo as plantas silvestres e seus espíritos (*yuxin*) são os avós das plantas cultivadas, e para assegurar uma safra abundante os homens cantam e dançam com estes *yuxin*. Neste ato, as espécies cultivadas são chamadas pelo nome com o objetivo de assegurar seu crescimento, que é uma metáfora para o crescimento e vigor da comunidade. A derrubada da mata para a agricultura requer proteção mágica contra os *yuxin* da floresta. Os homens se pintam de vermelho do urucum (*Bixa orellana*) e cheiram rapé continuamente, pedindo licença aos *yuxin* antes de derrubar cada árvore. As plantas têm espíritos, sendo que a banana e o amendoim têm os *yuxin* mais poderosos, que são convocados pelo xamã para realizarem curas (LAGROU, 1991, p. 69).

Face aos estudos acima, qual seja, uso do rapé por outras etnias indígenas, nota-se que o xamanismo está ligado a diversos grupos, contudo, chama a atenção a pouca difusão desta prática entre os povos indígenas de Rondônia, com exceção, até onde a pesquisa pode alcançar, aos grupos indígenas da região do Guaporé.

Ramos (2001: p. 80/81), refere-se às práticas xamânicas da seguinte forma:

como em virtualmente todas as sociedades humanas, nas sociedades indígenas existem os intermediários entre o social e o sobrenatural. No Brasil eles são mais conhecidos pelo nome de pajés e em linguagem antropológica são chamados xamãs (...). As práticas xamânicas podem envolver a utilização de substâncias tais como tabaco ou drogas alucinógenas, instrumentos musicais como o chocalho, podem incluir transe, visões, sonhos, experiências sensoriais especialmente induzidas. Principalmente no norte e oeste da Amazônia, é muito comum o uso de

plantas alucinógenas como, por exemplo, ayahuasca, paricá e outras espécies do gênero virola.

Podemos dizer, assim, que o xamanismo faz parte da cultura de muitos grupos indígenas, podendo ser considerado um traço comum desses grupos.

Segundo Laraia (2000, p. 79), o xamanismo está ligado à cultura e à cura, e quando trata dos xamãs aponta ligação destes com aspectos culturais dos indígenas:

A cultura também é capaz de provocar curas de doenças, reais ou imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais. Um destes agentes é o xamã de nossas sociedades tribais (entre os Tupi, conhecidos pela denominação de pai'ê ou pajé.

Silva (1988, p. 29) também fala dos xamãs e da importância dessas pessoas dentro das sociedades indígenas:

são eles que conhecem os destinos das almas após a morte e são eles que conhecem os segredos da natureza e dos inúmeros espíritos que vivem na floresta, nos rios, nos céus. Para muitos povos é através do maracá que os xamãs 'falam' com os espíritos.

O xamanismo, ou as técnicas xamânicas, são essencialmente transmitidos oralmente. Junqueira (1999, p. 67) diz que um traço marcante do modo de vida das sociedades indígenas é a tradição oral, ou seja, o saber é transmitido de uma geração à outra basicamente pela comunicação oral, através da fala.

Assim, resta clara a importância de registrarem-se estes conhecimentos, bem como analisar o xamanismo das etnias, pois estas práticas muito dizem acerca dos grupos que a utilizam.

## **2 Considerações**

Langdon (2005, p. 20), afirma que “não é possível separar a experiência xamânica dos mitos, dos ritos e da história. Essas experiências transformam-se em história oral e, por sua vez, influenciam as novas experiências”. Daí a importância do respeito, da pesquisa e de um olhar diferenciado sobre a tradição xamânica dos Aruá, ou de quaisquer outros grupos indígenas, para que suas culturas sejam preservadas e revisitadas através de suas narrativas, sejam elas orais ou escritas.

Os Aruá, apesar de seu quase extermínio, continuam visíveis, mesmo que de forma discreta, à sociedade brasileira, conforme atestam os dados apresentados no presente artigo. Conservam, até onde se sabe, a sua língua e costumes. Além disso, do que aponta a bibliografia disponível e citada, mantêm algumas de suas tradições culturais, notadamente aquelas de cunho xamânico, especificamente através do uso de rapé com a aspiração do pó de angico.

Por conta disso há esperanças de que esse povo continue a fazer parte da sociedade rondoniense, sobretudo se as autoridades competentes lançarem sobre eles um olhar de justiça e respeito.

Apesar de existir poucas fontes bibliográficas em relação aos Aruá, salvo maior engano, parece evidente que essa etnia utilizou, ou talvez utiliza, ainda, o rapé como prática xamã ou medicina sagrada.

Resta, todavia, o aprofundamento da pesquisa bibliográfica, tanto em relação às características gerais dos Aruá, bem como da utilização de suas técnicas xamânicas, que incluem pesquisa de campo na região do Vale do Guaporé, especialmente entre os que residem na Complexo Cultural do Marico.



# Revista Eletrônica Língua Viva

## REFERÊNCIAS

CABERNITE, LEÃO. *O complexo de Édipo na psicanálise e na análise de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

CIMI. Conselho Indigenista Missionário. *Panewa Especial*. Regional Rondônia. Porto Velho, 2002.

CUNHA, Euclides da. Terra sem história (Amazônia). In: \_\_\_\_\_. *À margem da História*. São Paulo: Martins Claret, 2006.

ELIADE, Mircea. *El xamanismo y las técnicas arcaicas del extasis*. México, Fondo de Cultura Económica, 1975.

FORNASIER, Vinícius Casagrande. *O uso ritualístico do rapé*. Disponível em <http://vinifornasier.blogspot.com.br/2013/01/o-uso-ritualistico-do-rape.html?sref=fb>. Acesso: 11 de março de 2013.

HANKE, Wanda. *Breves notas sobre os índios Mondé e o seu idioma*. Arquivos do Museu Paranaense, 1950. Dusênia 1(4): 215-228.

JUNQUEIRA, Carmen. *Antropologia indígena: uma introdução*. São Paulo: Editora EDUC, 1999.

LAGROU, Elsje Maria. *Uma etnografia da cultura Kashinawa, entre a cobra e o Inca*. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, 1991.

LANGDON, Esther Jean. Prefácio. In: GOULART, Sandra Lúcia; LABATE, Beatriz Cauiby (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo: Mercado das Letras, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1955.

MALDI, Denise. 1991. "O complexo cultural do marico: sociedades indígenas do rio Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia), vol. 7, nº 2, pp. 209-269.

MINDLIN, Betty. *Antologia de mitos dos povos Ajuru, Arara, Arikapu, Aruá, Kanoe, Jabuti e Makurap*. São Paulo : Iamá, 1995.

\_\_\_\_\_. *Terra grávida e narradores indígenas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

MOORE, Denny. *Classificação interna da família lingüística Monde*. Revista Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 515-520, 2005. [ 516/ 520 ].

NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.



## Revista Eletrônica Língua Viva

RAMOS, Alcida Rita. *Sociedades indígenas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática. 2001.

SAMPAIO, W, & SILVA, Vera. *Os povos indígenas de Rondônia: contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história*. Porto Velho: Editora da UNIR, 1998. 2ª Ed.

SILVA, Aracy Lopes. *Índios*. São Paulo: Editora Ática. Série Ponto por ponto. 1988.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: CEN: EDUSP, 1980.

SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 11 de março de 2013.

TORRES M, REPKE D. *Anadenanthera: visionary plant of ancient South America*. The Haworth Herbal Press; New York: 2006. pp. 1–9;193-203.

XEREZ, Sebastião Moacyr. *Pequeno vocabulário dos dialétos Macurape, Mondé e Caritiana*. Manaus: 9a. Inspetoria Regional do SPI (Território Federal do Guaporé)/Ministério da Agricultura. 1946.

WRIGTH, Robin M. Profetas do pariká e caapi. In: LABATE & GOULART (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo: Mercado das Letras. 2005.